

**INSTITUTO SUPERIOR DE PSICANÁLISE A VIA  
INSTITUTO A VIA**

**FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA**

**WELLINGTON AUGUSTO PEREIRA**

**FILOSOFIA E PSICANÁLISE: ENCONTROS E TENSÕES**

**Belo Horizonte**

**2023**

# FILOSOFIA E PSICANÁLISE: ENCONTROS E TENSÕES

Wellington Augusto Pereira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Estudo sobre as relações entre a psicanálise e a filosofia enfocando a abordagem do tema feita por Freud, as primeiras tentativas de análise da questão por Putnan, e a problematização do assunto entre filósofos e psicanalistas. Trata-se de uma pesquisa sobre a bibliografia produzida no Brasil e no exterior a respeito dos encontros e tensões entre esses dois campos de conhecimento com o objetivo de nos fazer pensar sobre os vários aspectos que envolvem esses dois tipos de saberes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise, Filosofia, Conhecimento.

---

1 welintontens@gmail.com

## **1- Introdução**

A psicanálise teve impacto sobre vários aspectos da cultura contemporânea. No caso da filosofia, ela acabou introduzindo uma nova abordagem sobre o sujeito do conhecimento, além de criar novos temas para o campo filosófico. Isso nos impulsionou a estudar as relações entre a psicanálise e a filosofia desde o trabalho de Freud até o de Lacan.

Partimos do estudo sobre como Freud se relacionou com a filosofia e acompanhamos como recentemente um grupo de intelectuais se debruçou sobre o estudo a respeito de como a psicanálise e a filosofia se relacionaram. Nosso objetivo foi perceber como esses dois campos de conhecimento, apesar de terem objetos e abordagens diferentes, também se encontram em algumas questões.

Para o objetivo exposto acima, fizemos uma pesquisa sobre artigos publicados recentemente sobre o assunto em revistas especializadas. Existe um bom número de publicações sobre o tema, pois existem no Brasil grupos de estudo em faculdades que estudam o assunto. Além disso, consultamos livros, anais de congressos e entrevistas de psicanalistas e filósofos que trataram do tema.

Consideramos que o estudo sobre as relações entre psicanálise e filosofia seja de grande importância na cultura contemporânea, pois ambos os campos de saber possuem forte influência nas discussões de temas que afetam a vida dos indivíduos e da sociedade.

## **2- Freud e a Filosofia**

A filosofia é um saber basicamente intelectual. Ela interroga o próprio pensamento e é uma dobra dele sobre si, aquilo que se chama reflexão. Enquanto a filosofia se define

como um saber reflexivo, especulativo, a psicanálise é um saber ao mesmo tempo empírico e reflexivo, pois a metapsicologia freudiana, por exemplo, é baseada tanto nos casos clínicos que Freud atendia quanto nos estudos culturais que ele fazia para dar uma dimensão mais ampla sobre aquilo que atingia o psiquismo do sujeito.

É sabido que Freud relata a influência dos escritos de Nietzsche sobre ele, que Heidegger influenciou a filosofia existencial e que Lacan baseia algumas de suas ideias na filosofia de Hegel. E o filósofo brasileiro Bento Prado Júnior destacou que a psicanálise influenciou a filosofia porque impôs o texto freudiano como objeto de análise filosófica, assim como a influência das ideias psicanalíticas promoveram uma mudança na base conceitual da própria filosofia.

A questão da filosofia da psicanálise virou um tema discutido pelo Grupo de Trabalho Filosofia e Psicanálise da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), criado em 2002. Foram feitos também Encontros Nacionais de Pesquisadores em Filosofia e Psicanálise e encontros da Sociedade Internacional de Psicanálise e Filosofia. Além disso, a questão foi tema para a realização de congressos internacionais de filosofia da psicanálise. Procuramos neste artigo destacar algumas questões importantes que surgiram a partir desse campo de investigação sobre as articulações entre os saberes filosóficos e psicanalíticos.

Podemos dizer que existe uma maior tendência da filosofia estudar a psicanálise do que a psicanálise se aprofundar na filosofia. Pois as questões sobre a teoria psicanalítica são objeto de estudo acadêmico nas faculdades de filosofia. Nas pesquisas filosóficas, psicanálise é estudada principalmente como um discurso, como um tipo de saber humano e não como uma prática psicoterapêutica. Enquanto isso, a psicanálise se aproxima da filosofia no seu cuidado com as questões teóricas, na sua atenção em relação às referências dos textos clássicos do próprio campo psicanalítico. E é importante lembrar que a teoria, apesar de sua importância na psicanálise, é apenas parte do tripé que inclui a análise pessoal e a supervisão. Ou seja, a psicanálise não se

define apenas como uma área do conhecimento, mas como um saber prático que incorpora noções e ideias advindas da clínica.

Apesar de ter tido interesse na filosofia na sua juventude, tendo inclusive estudado por semestres consecutivos com o filósofo Franz Brentano na Universidade de Viena, posteriormente Freud concentrou seus esforços em colocar sua invenção, a psicanálise, no campo do discurso científico e não no filosófico. Freud pôs em suspensão os valores de busca do sentido próprios da filosofia. Buscou, por outro lado, fundamentar a busca do entendimento da vida subjetiva no campo da ciência. Vale lembrar que essa ruptura se dava com uma filosofia da época marcada pelo racionalismo, por um campo filosófico ainda não totalmente impactado pelos temas incômodos que a psicanálise trouxe para a reflexão filosófica. Assim, não podemos analisar a postura antifilosófica de Freud como uma coisa que sempre esteve presente, mas ligada ao campo intelectual da época. Não podemos cometer um anacronismo e esquecer como Freud foi, nesse aspecto, influenciado pelas ideias, conceitos e teorias presentes no tempo em que viveu. Talvez as regras do campo científico dominante estejam ainda um pouco mais próximas do que Freud pensava na época, mas a filosofia se modificou muito a partir daquele tempo, inclusive pela influência das ideias do próprio Freud e posteriormente de Lacan e outros psicanalistas.

Uma outra questão que deve ser contextualizada é a crítica de Freud à filosofia em vários momentos e obras. Quando ele a aborda está pensando no pensamento filosófico de sua época. Ou seja, nos grandes sistemas racionais explicativos de como é o mundo. Mas é importante perceber que essa disciplina passou por importantes transformações, suas pretensões se tornaram mais modestas. As questões modernas como a razão, o progresso, a verdade cederam espaço para discussões de aspectos mais circunscritos, tais como o corpo, a sexualidade, a vontade, os saberes. A filosofia deixou também a ideia de questões universais e passou a pensar em saberes

localizados. Neste sentido, a psicanálise foi incorporada na discussão filosófica não como algo que fala a verdade sobre o homem, mas como texto, como discurso sobre as questões humanas. Assim, é preciso relativizar a crítica de Freud à filosofia. Entendê-la como relacionada a um modo de concepção do trabalho filosófico que se situa em um determinado contexto histórico.

### **3-A relação entre filosofia e psicanálise**

Weiny César Freitas Pinto e Caio Padovan fizeram em 2019 um estudo a respeito das propostas pioneiras de James J. Putnam, que foi o primeiro presidente da Associação Americana de Psicanálise, sobre as relações entre psicanálise e filosofia. Putnam buscava discutir os limites dos métodos e teorias psicanalíticas para o conhecimento daquilo que é mais próprio à existência humana. Esse autor iniciou o primeiro grande debate sobre a relação entre filosofia e psicanálise no interior do movimento psicanalítico, apesar de ser um neurologista e não um filósofo. A iniciativa de Putnam não foi bem sucedida, além de provocar muitas controvérsias no movimento psicanalítico. Mas tem sua importância histórica de abrir um campo para futuros debates nesse campo de conhecimento. É importante salientar que Freud manteve uma posição de recusa da filosofia ao mesmo tempo que buscava colocar a psicanálise no campo da ciência numa perspectiva baseada no positivismo lógico.

MONZANI (2008) aponta os motivos para o interesse em uma filosofia da psicanálise: " não para de saber se é uma ciência ou não, mas sim porque ela nos faz repensar os nossos pressupostos mais enraizados. " (MONZANI, 2008, p. 16) O autor aponta várias questões sobre as relações da psicanálise com a filosofia e salienta como a psicanálise problematiza questões importantes do discurso filosófico, tais como a questão da gênese e do funcionamento do aparelho cognitivo e da origem e do papel da consciência moral.

Uma coisa importante a destacar é que filosofia não é uma coisa com apenas um significado. Podemos pensar nas relações entre filosofia e psicanálise tanto sobre como a psicanálise se enquadra dentro de uma filosofia ciência que procura estabelecer os critérios de verdade tanto como analisar a teoria psicanalítica como uma rede discursiva. Nesta segunda abordagem, Monzani (2008) diz que não estaríamos preocupados com a verdade da doutrina, mas estabelecer se ela alarga ou estreita a compreensão dos significados dos conceitos dentro da teoria: "Tratar-se-ia, neste caso, de uma leitura interna do texto, do discurso que procuraria decifrar o seu encadeamento, seus embates, suas contradições etc. etc." (MONZANI, 2008, p.15)

Monzani pensa que devemos deixar os critérios unitários de cientificidade e analisar cada disciplina como um saber que tem seus contornos e especificidades próprios. Segundo ele, é preciso abandonar o ideal unitário de ciência, assim como a crença em um único critério de verdade. E, a partir de uma análise dos conceitos, postulados e teses de um determinado campo do saber, examinar e validar os critérios próprios e específicos de validação da disciplina em questão. Neste tipo de perspectiva, a questão que se coloca não é se a psicanálise é uma ciência, mas que tipo de racionalidade ela nos traz. Pois não se pode ficar preso a critérios de verdade e cientificidade que novos saberes nos convidam a repensar.

Em artigo sobre a filosofia da psicanálise, Weiny César Freitas Pinto sintetiza o porquê do desenvolvimento desse campo de investigação:

"se de um lado, uma variedade enorme de conceitos filosóficos foi e é questionada pela Psicanálise; de outro, vários conceitos psicanalíticos também foram e são submetidos, com frequência, à ferrenha interpelação filosófica" (PINTO, 2013, p.233)

Segundo esse autor, o filósofo Paul Ricoer, em seus estudos hermenêuticos, apontou como a psicanálise fez um questionamento radical da filosofia.

A filosofia moderna e contemporânea assumiu o problema do conhecimento e passou a ser principalmente um discurso de segunda ordem. É aí que a psicanálise entra no

campo filosófico, como um discurso, como um tipo de conhecimento sobre o mundo. Uma questão importante é que dentro dos estudos da filosofia da psicanálise, esta não pode ficar sob a tutela da filosofia. Não pode o campo filosófico reivindicar as condições para ter a última palavra sobre o que é verdade no conhecimento psicanalítico:

"A maneira como Freud se utiliza de Kant mostra como ele deseja manter-se num campo de trabalho próprio ao do cientista, onde o que o guia são os problemas empíricos que seu aparato conceitual possibilita enunciar e resolver" (FULGÊNCIO, 2001. s.p.).

O que o autor está querendo dizer é que são os problemas clínicos que impulsionam o desenvolvimento da metapsicologia freudiana. Não seriam questões teóricas sobre os conceitos psicanalíticos que fazem Freud se aproximar de Kant.

"Para apreender, organizar e dar inteligibilidade a seu material empírico (aquilo que ele pode observar diretamente em seus pacientes) em função de seus princípios dinâmicos, Freud considera necessário partir de certos conceitos básicos fundamentais que não são nem muito claros nem muito precisos em seu conteúdo, funcionando como convenções." (FULGÊNCIO, 2001, s.p.)

"Freud, no entanto, nunca deixou de buscar na filosofia um certo aval para suas formulações. Em momentos importantes de sua obra, ao avançar ou indicar uma nova hipótese, parece se apoiar na formulação de algum filósofo. É assim que cita Theodor Lipps quando fala de sua noção de inconsciente, Diderot quando indica o Complexo de Édipo como fundamento da natureza humana, Aristóteles e Platão quando comenta sua teoria dos sonhos como realização de desejos, Schopenhauer quando fala de impulsos inconscientes e da pulsão de morte, e como vimos, Kant e o imperativo categórico, quando comenta a hipótese do super-eu e da lei moral em nós. (FULGÊNCIO, 2001, s.p.)

A filosofia não examina o mundo em sua qualidade imediata e singular. Ela está mais interessada nos conceitos para compreender o mundo. É tornar claro os fundamentos e pressupostos de um determinado saber a tarefa da filosofia.

Segundo Carlos Roberto Drawin (1999) "a psicanálise ocupa, no declínio cultural da modernidade, um lugar quase-filosófico. Por isso, submetê-la a uma leitura filosófica, é não somente possível, mas necessário e inevitável." (DRAWIN, 1999, f. 10) O autor



assinala que paralelo ao que houve na psicanálise (um descentramento em relação ao sujeito), na filosofia houve a passagem do paradigma do sujeito para o paradigma da linguagem. Drawin diz que, apesar de Freud não querer que a psicanálise se transformasse em uma "visão de mundo" isso acabou ocorrendo devido à convergência da estrutura interna da teoria com a dinâmica profunda da cultura, em seu fundamento antropológico. E assim passou a ocupar um lugar "quase filosófico" na cultura contemporânea devido a seu aspecto antropológico. Para Drawin, a psicanálise se constitui como "um desses saberes paradigmáticos da modernidade, saberes tensionados entre a pretensão científica e a vocação filosófica" (DRAWIN, 1999, f. 122)

Birman explica assim a relação entre filosofia e Psicanálise:

"A incidência da psicanálise no discurso filosófico interpelou este numa tradição teórica muito especial, a qual se centrava fundamentalmente na concepção de *sujeito*. Com efeito, a filosofia do sujeito foi questionada pela psicanálise de maneira precisa, na medida em que para ela o sujeito estaria sempre inscrito no campo da consciência e se enunciava no registro do eu, enquanto a psicanálise formulou o *descentramento* do sujeito de ambos os registros citados. (BIRMAN, 2003. p. 8).

Segundo Birman, na concepção freudiana, a psicanálise se voltaria "para a pesquisa de objetos circunscritos, enquanto a filosofia pretendia captar sempre a totalidade do ser e do real" (BIRMAN, 2003, p. 9) A partir de suas análises sobre as formações discursivas presentes na cultura, Freud viu uma similaridade entre a filosofia e certas formações psicopatológicas. Assim, Birman afirma que, para Freud,

"existiria um *estilo* de ser similar entre a exibição sedutora presente na histeria e a obra de arte, assim como entre as cavilações culposas presentes nas obsessões e nos sistemas religiosos, da mesma maneira que a ordenação lógica perfeita, mas fundada numa base falsa presente nos delírios paranóicos, seria próxima da forma filosófica da discursividade. Pode-se depreender disso, portanto, que Freud mantém sempre o discurso filosófico sob certa *suspeita*". (BIRMAN, 2003, p. 10)

Birman assinala as visões contraditórias e, por vezes, paradoxais que Freud teve da filosofia, mas diz que essas diferentes concepções se relacionam aos modos como ele está em cada momento tentando justificar a posição da psicanálise.

Em um artigo na revista *Trivium*, FERNANDES (2013) aponta em seus estudos sobre a filosofia da psicanálise, que a psicanálise foi um campo fértil para as indagações filosóficas. Essa análise crítica da psicanálise feita pela filosofia fomentou discussões nos campos da epistemologia e no da filosofia da ciência. Freud tem em seus relatos clínicos uma pretensão próxima à da filosofia: objetiva o valor universal de uma explicação sobre os fenômenos humanos. É importante pensar aqui a relação com a filosofia no trabalho intelectual freudiano não no aspecto de citar a obra de um filósofo, mas de criar conceitos para ter uma percepção mais abstrata e universal da realidade. Em um artigo em que busca analisar as relações entre filosofia e psicanálise na obra de Freud, Ana Carolina Soliva Soria expõe como Freud age parecido com um filósofo na sua metapsicologia:

"Saber delinear os contornos do que está além de nossa vista: eis aí um procedimento bastante comum nos textos de Freud. Das análises de seus pacientes e de si próprio, apreendeu os contornos e as leis do funcionamento psíquico mais geral; no neurótico adulto, soube ver a criança e o selvagem; na fantasia, soube encontrar os verdadeiros anseios dos seres humanos; nos restos de um passado petrificado, soube encontrar o núcleo dos anseios vitais; conseguiu ler os caracteres destituídos de significado e propor para eles uma tradução plena de significado." (SORIA, 2016, p. 165)

Mas deve ficar claro, como o próprio Freud assinala na XXXV Conferência, que ele não pretende com seu trabalho uma *weltanschauung*, isto é, uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, com base em uma hipótese dominante que não deixa nenhuma questão sem resposta.

Freud não estava interessado na construção de uma visão de mundo pela psicanálise. Na Conferência XXXV, ele diz que a *Weltanschauung*

"é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem

resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo".  
(FREUD, s.d., p.106.)

Freud entende que a *Weltanschauung* é mais uma pretensão da filosofia (que pretende apresentar um quadro do universo sem falhas e com coerência), do que da psicanálise, pois esta se alinha mais com a ciência e seu saber construído sem essas pretensões. Além disso, Freud diz que a psicanálise é incapaz de construir uma *Weltanschauung* e não precisa disso. Em seu livro *Tramas e conceitos*, MEZAN (1989) diz que Freud teve uma relação ambígua com a filosofia. De um lado, a ridicularizava e, de outro, procurava o seu próprio reconhecimento como um filósofo. Para fazer essa análise, ele contrasta a obra *Inibição, Angústia e Sintoma*, de 1926 e a carta 44 escrita a Fliess em 2/4/1896.

Saliente-se, no entanto, que os filósofos buscaram a interlocução com os textos psicanalíticos de uma forma mais evidente do que o oposto. Entende-se esse aspecto devido a psicanálise ter uma dimensão prática. A psicanálise é um saber clínico e, em parte, teórico, enquanto a filosofia se concentra como uma atividade eminentemente intelectual. Mas é importante notar que a teoria psicanalítica propõe uma revisão de grande parte da herança racionalista da filosofia. Seja na ética, na estética, na epistemologia ou na política.

Freud trouxe novos temas para serem pensados pela filosofia contemporânea, tais como o inconsciente, a sexualidade e as pulsões. Mas ele pensava a psicanálise como uma psicologia profunda baseada em evidências empíricas e não como um saber reflexivo tal como o saber filosófico.

Filosofia e psicanálise comungam a discussão de uma série de temas humanos, tais como a arte, a religião, o comportamento, os afetos, a sociedade, etc. Além disso, a psicanálise se tornou um campo para importantes reflexões na filosofia. Filósofos de destaque na produção intelectual, tais como Adorno e Marcuse utilizaram ideias da psicanálise para analisar aspectos do funcionamento da sociedade contemporânea. O campo filosófico foi renovado a partir de novas problemáticas trazidas pela psicanálise. A filosofia contemporânea incorporou a ideia do inconsciente e passou a discutir como a

ação humana se dá permeada por aspectos irracionais. Afetos e ilusões e não apenas motivações racionais se tornam bases para pensar como o homem age.

A psicanálise traz uma imensa gama de problemas teóricos que a filosofia pode fornecer subsídios para que sejam objeto de uma reflexão. A abertura conceitual do campo da psicanálise faz com que essas interseções entre a psicanálise e a filosofia não sejam parte de algo esporádico, pontual, mas fundamental para a psicanálise em virtude de sua abertura conceitual. Segundo Carlos Darwin (2008), tanto a filosofia quanto a psicanálise trazem ambivalências. A filosofia, por exemplo, é herdeira e guardiã da longa história da razão ocidental, mas, ao mesmo tempo, o trabalho do filosofar é escavar mais profundamente o solo no qual surge essa mesma razão. Enquanto isso, a psicanálise, que surgiu do esforço de seu criador de se implantar no campo da cientificidade, tem de lidar com a constante subversão da estabilidade das noções conceituais imposta pela experiência clínica. Ambos os campos do saber vivenciam essas ambivalências da razão em relação ao saber e à angústia.

GONÇALVES (2015) diz que na relação de Lacan com a filosofia há um caminho de mão dupla: Lacan integrou conceitos filosóficos em suas teorias e, ao mesmo tempo, as concepções criadas por Lacan geraram uma discussão dessas ideias no campo da filosofia. A concepção lacaniana do sujeito, por exemplo, foi adotada por muitos filósofos e marca uma ruptura com a concepção cartesiana. O sujeito barrado carrega em si um estranho a quem não tem acesso e contrasta com o sujeito cartesiano, que tem consciência de si e pode descobrir as causas dos erros e tentar evitá-los.

Na introdução de um livro que ele organizou, *Um limite tenso: Lacan entre a psicanálise e a filosofia*, Vladimir Safatle diz que a escrita de Lacan

"nos mostra como não é possível falar do sujeito, de seus desejos, suas ilusões e seus atos sem se colocar no cruzamento entre uma clínica que sempre se reinventa e uma tradição filosófica que nunca foi surda a desafios" (SAFATLE, 2003, p. 8).

Para Safatle, a teoria de Lacan também é importante no debate contemporâneo sobre os impasses da psicanálise frente ao enfrentamento das neurociências. Assim, vemos "a força de um pensamento que soube crescer por meio da exploração sistemática de seus próprios impasses". (SAFATLE, 2003, p.8)

Nesse mesmo livro organizado por Safatle, Alan Badiou faz uma importante síntese sobre a relação entre filosofia e psicanálise na obra de Lacan:

"Lacan não é filósofo e não há, não poderia haver, uma filosofia de Lacan. Lacan insiste claramente que o essencial de seu pensamento provém da experiência clínica. Essa experiência é radicalmente exterior e estrangeira à filosofia." (BADIOU, 2003, p.13)

Vladimir Safatle, em uma entrevista concedida à revista *Styllus* ( n. 32, Rio de Janeiro, Jun 2016) diz que

Acho muito estranha a ideia de que a filosofia seria uma espécie de discurso autorreferencial, que fala apenas de seus textos, de suas tradições, de seus próprios problemas. Minha visão é completamente diferente desta. A filosofia é um campo no qual os problemas são produzidos por experiências que vêm do exterior – ou elas vêm da política, ou elas vêm da estética, ou elas vêm da ciência, ou elas vêm da psicanálise, e, no meu caso, acredito que isso funciona de maneira muito evidente. (TORRES, 2016, s. p.)

O autor, um filósofo que sempre estudou a psicanálise e, especialmente, Lacan, nos fala dessa importância para a filosofia do contato com outros saberes. E acreditamos que a psicanálise também se enriquece no debate com outros campos do conhecimento, como ficou evidente no trabalho de Lacan.

#### **4- Considerações Finais**

A investigação sobre as relações entre a psicanálise e a filosofia nos mostrou como a psicanálise se constituiu num campo de importantes influências no campo do saber e na cultura contemporânea. Seus questionamentos sobre o sujeito consciente, influenciaram a perspectiva da filosofia da ciência, levando a uma nova perspectiva sobre as possibilidades do conhecimento verdadeiro. Seus conceitos, como pulsão, desejo, inconsciente, dentre outros, reconfiguraram o modo de ver a vida, as ações humanas, os saberes produzidos pela humanidade, as relações sociais, políticas e culturais. A própria filosofia, que no século XIX estava ligada a questões sobre o desenvolvimento da racionalidade dos indivíduos e das formações sociais, sofreu mudanças em sua perspectiva. A partir da influência da psicanálise e da ideia do inconsciente, deixou as abordagens totalizantes e passou a investigar novos atores, novos, novas formas de racionalidade.

É importante lembrar que Freud quando criticava a filosofia estava se referindo principalmente às ideias hegelianas presentes no campo filosófico alemão da época. Por isso, quando falamos hoje nas relações da psicanálise com a filosofia, estamos nos referindo a algo bem diferente do que Freud pensava quando usava esse termo. Pois a própria influência da psicanálise na filosofia fez com que esta mudasse muito seus objetos, pretensões, formas de trabalho. Acrescente-se a isso o fato de que o próprio campo da psicanálise também se modificou ao longo dos séculos XX e XXI com a influência de outros importantes psicanlistas, tais como Winnicott, Bion e Lacan.

#### **5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BADIOU, Alain. Lacan e Platão: o matema é uma idéia? In: SAFATLE (org.) *Um limite tenso: Lacan entre a psicanálise e a filosofia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p.13-41.

BIRMAN, Joel. *Freud & a Psicanálise*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.2003.

DRAWIN, Carlos Roberto. *Angústia e saber: elementos para uma leitura filosófica da psicanálise na dialética da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG/Fafich, 1999. Dissertação de mestrado. 244 páginas.

DRAWIN, Carlos Roberto. Angústia e saber: reflexões sobre a inter-relação entre Psicanálise e Filosofia. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 30, n. 56, pp. 15-26, out, 2008. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-73952008000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-73952008000200002&lng=pt&nrm=iso).

FERNANDES, Sérgio Augusto Franco. A psicanálise, a filosofia e a universidade. In: *Trivium- Estudos Interdisciplinares*. Rio de Janeiro, v. 5. n.1. pp. 39-45. jan/Jun, 2013. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2176-48912013000100006&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2176-48912013000100006&script=sci_abstract).

FREUD, Sigmund. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. v. XXII. Rio de Janeiro : Imago.s.d.

FULGÊNCIO, Leopoldo. Comentários Críticos das Referências Textuais de Freud a Kant. In: *Psicologia USP*. São Paulo, v.12. n. 1, pp. 49-87, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/108123>.

GONÇALVES, Camila Salles. Embates conceituais entre Psicanálise e Filosofia. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 67, n. 1, jan/mar 2015. [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252015000100015](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252015000100015).

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

MONZANI, Luiz Roberto. O que é filosofia da psicanálise? *In: Philótophos*. Goiânia. v. 13. n. 2. pp. 11-19, jul/dez, 2008.

PINTO, Weiny César Freitas. PADOVAN, Caio. James J. Putnam e as origens do diálogo entre filosofia e psicanálise. *Modernos & Contemporâneos*. Campinas, v. 23, n.6. pp, 305-332, jul/dez, 2019..

PINTO, Weiny César Freitas. Filosofia e Psicanálise: sobre a interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur. *In: Supere Aude*. Belo Horizonte. v. 4. n. 8. pp. 229-242, 2º sem. 2013.

TORRES, Ronaldo. Entrevista com Vladimir Safatle. *Stylus*. Rio de Janeiro: n. 32, jun 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2016000100026](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2016000100026).

SORIA, Ana Carolina Soliva. Há uma relação entre filosofia e psicanálise? *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, v. 49, n. 91. pp. 159-168, dez, 2016.